

O BULLYING NO UNIVERSO ESCOLAR PARAIBANO

Gláucia Santos de Maria (Graduanda em Ciências Sociais)

Lara Lanny de Oliveira Silva (Graduanda em Ciências Sociais)

Rennata Kelly Muniz Alves (Graduanda em Ciências Sociais)

Orientador: Vanderlan Francisco da Silva

Universidade Federal de Campina Grande

glauciavince@gmail.com

lannybomsucesso@hotmail.com

rennatamuniz@hotmail.com

vanderlansilva@uol.com.br

Introdução

Ao longo das últimas décadas, temos percebido que a violência urbana, vem se destacando nos debates nacionais. Seja através das entidades civis que lidam com a temática em questão ou pela elaboração de políticas públicas envolvidas no combate as organizações criminosas, bem como a propagação de notícias pelos veículos de comunicação, que refletem a imagem negativa causada pela violência.

Relações de conflito e violência são marcas que se expressam em toda e qualquer sociedade, de modo que nenhuma está isenta de sofrer tais expressões. Autores como Durkheim, Arendt, Clastres, Weber, dentre outros, já afirmavam essa questão.

De acordo com MARTUCELLI (1999) a modernidade civilizacional está implicada em uma menor utilização da violência. Mas aqui no Brasil, parece que essa modernidade civilizacional não se estabeleceu de maneira completa.

Para a construção dessa modernidade civilizacional, o papel da escola é de suma importância, de modo que ela consegue transmitir às crianças e aos jovens, os valores

sociais, estimulando o autocontrole dos mesmos e os desestimulando a usar a violência como instrumento de resolução de conflitos.

Acontece que a escola não está isenta de sofrer as influências da sociedade, tendo em vista que não se trata de um universo fechado em si mesmo. Ela é uma instituição que está constantemente aberta às influências, sejam elas positivas ou negativas das comunidades que estão no seu entorno, das quais os indivíduos são membros participantes. O que de certa forma é aprendido na vida fora da escola, passa a ser constantemente refletido dentro da mesma.

Desse modo, pretendemos fazer um estudo de caso sobre um tipo particular de violência, que ronda o universo escolar, tomando como foco duas escolas do ensino público, na cidade de Campina Grande, Paraíba. Esse tipo de violência específica, diferentemente das casuais, envolve constrangimentos, humilhações, chegando até ao uso da força física, que se estabelece dentro do universo escolar e que se dão de modo recorrente: o bullying.

Fundamentação Teórica

A violência é um fenômeno que está presente nas sociedades humanas, mas que se expressa de acordo com a configuração social de cada uma.

O sociólogo alemão Max Weber pensa a violência como um meio no qual o Estado exerce seu poder legítimo no uso da força física. Enquanto que Hannah Arendt, não confunde violência com o poder, mas afirma que nem a violência, nem o poder são fenômenos naturais, em outras palavras, uma manifestação do processo vital; ambos, segundo a autora, pertencem ao âmbito político dos negócios humanos.

Freund por sua vez, afirma que a violência não se reduz apenas ao uso da força física, pois também supõe humilhações, constrangimentos, estigmas e preconceitos que fazem parte do repertório do qual pretendemos estudar no presente projeto no universo escolar paraibano.

A Violência na Escola

É na escola que desde a infância os indivíduos começam a descobrir o mundo de maneira ampla, e que vai além das percepções aprendidas no universo familiar. No universo escolar encontramos uma multiplicidade de indivíduos com costumes diversos; o que representa um desafio e tanto, pois envolvem descobertas e conflitos de maneira geral. Peter Berger (1973) afirma que a socialização primária ocorre no seio familiar, mas também no espaço escolar, que se configura como um

espaço profícuo para a sociabilidade de crianças e jovens, além dos bairros onde moram, a escola constitui como um local de encontro e de convivência. O grande tempo que permanecem juntas favorece laços de amizades que se prolongam para além dos muros escolares. (Ruotti, 2006:98).

A escola é uma instituição que é parte constituinte da sociedade, e desse modo está aberta às suas influências. As disputas entre os alunos no seio escolar refletem a violência que é passada fora da instituição, ou seja, na sociedade. Além disso, temos a presença da violência simbólica, imposta pelos dirigentes da instituição escolar, através das normas e disciplinas internas.

A palavra bullying é originária da língua inglesa e na sua acepção original (bully) significa “valentão”. O termo bullying tem sido internacionalmente utilizado em inglês, pois, como observa Rolim (2008, P.8) *“as traduções já realizadas [...] produziram sempre reduções semânticas que descaracterizam o fenômeno denotado pela expressão original”*. Por isso e em anuência com o consenso estabelecido entre os e estudiosos do tema, nós optamos pelo uso do termo em inglês.

Uma das distinções que singularizam o bullying em relação às outras formas de violência que se apresentam no universo escolar é a sua recorrência. Brigas, empurrões, xingamentos, utilização de objetos cortantes podem produzir e se produzem com relativa frequência no universo escolar entre diversos atores. Nenhuma escola está livre da presença eventual de tais acontecimentos.

Esse tipo de violência específica praticada no ambiente escolar parece ter como motivação certa idealização da realidade, na medida em que os agressores procuram eleger suas vítimas entre aquelas que eles consideram serem “anormais”. No caso do

universo escolar, ser “anormal” implica ser portador de características físicas, psicológicas e de marcas sociais que são consideradas destoantes e frágeis pelos agressores.

Essa repulsão ao diferente produz práticas que são prejudiciais não só às suas vítimas diretas, as crianças que recorrentemente são atacadas fisicamente, insultadas, ameaçadas, constrangidas e humilhadas, mas também os agressores são vítimas de visões e práticas de intolerância que certamente viram ser defendidas e praticadas por outras pessoas e que, sem que tenham uma clara noção das consequências dos seus atos, acabam copiando e reproduzindo visões e atos de intolerância para com os que fogem aos padrões do que acreditam ser normalidade.

Os praticantes do bullying são crianças e adolescentes que encontram nas práticas violentas maneiras de encontrar destaque e lideranças entre os outros alunos, fazendo-se respeitar pelo medo que impõem nos demais.

Entre as vítimas e os agressores, há aqueles que se comportam de maneira omissa. Esses, num certo sentido, embora estejam situados no meio, entre vítimas e agressores, agem de modo pensado e medido, e o pior, suas atitudes são conduzidas pelo medo que os praticantes de bullying impõem, pois eles temem se tornarem vítimas.

Bullying é uma atividade consciente, desejada e deliberadamente hostil orientada pelo objetivo de ferir, induzir o medo pela ameaça de futuras agressões de criar terror. Seja premeditada ou aleatória, óbvia, ou sutil, praticada de forma evidente ou às escondidas, identificada facilmente ou mascarada em uma relação de aparente amizade, o bullying incluirá sempre três elementos: desequilíbrio de poder, intenção de ferir e ameaça de futura agressão. Quando o bullying se desenvolve e se torna ainda mais sério, um quarto elemento é adicionado: o terror. (Coloroso apud Idem: 2008:14)

Os impactos gerados pelas práticas de violência nas escolas apontam para a importância social que o fenômeno do bullying tem assumido em nossos dias. Isso, portanto, mostra o quão relevante é o desafio de se estudar a emergência, as configurações e manifestações desse fenômeno no universo escolar de Campina Grande.

Metodologia

Temos como desafio realizar uma investigação sociológica que requer do pesquisador um conjunto de procedimentos e de práticas a serem observados durante a sua estadia

no campo de pesquisa. Devem ser observados, os cuidados desde a construção do objeto de estudo, pois, de acordo com Bourdieu (1998, p.34)

Construir um objeto científico é, antes de mais e sobretudo , romper com o senso comum, quer dizer, com representações partilhadas por todos, quer se trate dos simples lugares-comuns da existência vulgar, quer se trate das representações oficiais, frequentemente inscritas nas instituições. Logo, ao mesmo tempo na objetividade das organizações sociais e nos cérebros. O pré-construído está em toda parte.

Esta pesquisa se propõe a realizar uma análise qualitativa do bullying. De acordo com Minayo (2007), a metodologia qualitativa favorece a interpretação dos significados e das intencionalidades presentes nos atos humanos, que por sua vez são construídos a partir de estruturas de significação que dão sentido à vida dos sujeitos.

Propomo-nos então, a combinar a realização da prática etnográfica com a utilização da técnica de grupos focais. Na produção de uma etnografia é preciso observar além daquilo que os atores sociais revelam diretamente, inclusive através do silêncio. A observação etnográfica favorecerá a observação do cotidiano escolar, das formas de sociabilidade, das brincadeiras, dos conflitos, dos xingamentos, dos afrontamentos; dos lugares preferidos para a manifestação de tais expressões; das expressões corporais (inclusive durante a realização dos grupos focais), das reações físicas diante de situações cotidianas.

Estamos frente à emergência de analisar o bullying no universo escolar de Campina Grande, buscaremos compreender quais são as categorias sociais a partir das quais ele é construído e como se configura no dia a dia das escolas públicas.

A nossa abordagem estará atenta à “descoberta” dos significados das práticas de bullying; procurando não perder de vista elementos de origem e de pertencimentos a grupos sociais distintos que contribuem para o estabelecimento de visões plurais. A técnica do grupo focal, portanto, nos ajudará a compreender essa dupla face da realidade escolar. De acordo com Westphal (1992:91) o grupo focal é

uma técnica de Pesquisa na qual o pesquisador reúne, num mesmo local e durante um certo período, uma determinada quantidade de pessoas que fazem parte do público –alvo de suas investigações , tendo como objetivo coletar, a partir do diálogo e do debate com e entre eles, informações acerca de um tema específico.

Durante a pesquisa pretendemos configurar os grupos focais com o mínimo de 6 (seis) e o máximo de 8 (oito) alunos, que tenham entre 10e 14 anos e estejam cursando entre o 6º e o 9º ano do ensino fundamental. Assim, teremos formação de 8 grupos focais nas escolas públicas. Nos grupos focais os alunos discutirão a partir de questões previamente sugeridas o que nos ajudará a entender “*as diferentes percepções e atitudes diante de um fato*”: o bullying. (IERVOLINO, PELICIONI, 2001.p.117)

A razão pela qual escolhemos desenvolver nossa pesquisa em escolas públicas se justifica pelo fato de está localizado na cidade de Campina Grande; e por ter alcançado a nota 2,3 no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) realizado pelo Ministério da Educação.

Referências:

- ARENDDT, Hannah. Sobre a Violência, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994
- ASSIS, Silvana Maria Blascovi de; Silva, João Roberto de Souza. Grupo focal e análise de conteúdo como estratégia metodológica clínica-qualitativa em pesquisas nos distúrbios do desenvolvimento. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, São Paulo, v.10, n.1, p.146-152,2010.
- BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A Construção Social da Realidade, Petrópolis: Vozes, 1973. (Antropologia 5)
- BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- FREUND, Julien. Sociologie du Conflit. Paris: PUF, 1983.
- IERVOLINO, SA.; PELICIONI, MCF. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. Rev Esc. Enf USP, v. 35, n.2, p.115-21, jun, 2001.
- MARTUCCELLI, Danilo. Reflexões sobre a violência na condição moderna. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 11 (1), 157- 175, maio de 1999.
- MINAYO, M.C.S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2007
- ROLIM, Marcos. Bullying. O Pesadelo da Escola. Um estudo de caso e notas sobre o que fazer. Porto Alegre: 2008 (Dissertação: Sociologia UFRGS).
- RUOTTI, Caren. Os sentidos da violência escolar: uma perspectiva dos sujeitos. São Paulo: 2006 (Dissertação: Sociologia – USP)
- WEBER, Max. Ensaios de Sociologia. 5ª. Ed., Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1982.
- SILVA, Vanderlan F. A lógica perversa da produção de homicídios em cidades de

porte médio no Brasil. Anais do XXVIII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALAS, Recife, 2011. (GT24 - Violência, Democracia e seguridade. Defesa e promoção de direitos) acessado em 26.10.2011.